

Mídias sonoras no contexto das IAs: perspectivas educomunicativas¹

Douglas Calixto²

Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM

Resumo

A linguagem radiofônica possui vínculos históricos com a interface Comunicação e Educação. O rádio e as novas modalidades de áudio, como o podcast, permitiram que a comunidade escolar pudesse explorar a comunicação como recurso pedagógico. Diante da ascensão das inteligências artificiais (IAs), as mídias sonoras passam por reconfigurações e modificam como som adentra o território escolar, seja no território das sociabilidades, seja no consumo midiático. Neste texto, buscamos delinear como as IAs provocam deslocamentos nas mídias sonoras, com desdobramentos no contexto escolar. Nosso intuito é analisar como produções sonoras por dispositivo generativos criam horizontes educomunicativos e, também, rupturas na circulação simbólica no contexto escolar.

Palavra-chave: Educomunicação; mídias sonoras; Inteligências Artificiais; podcast; educação.

Som, educação e IAs

Sou docente de Publicidade e Propaganda. Na disciplina de Linguagem Textual, propus a produção de um *spot* como atividade avaliativa. Na entrega final, a surpresa: dispositivos de Inteligência Artificial (IA) davam voz aos roteiros produzidos pelos discentes. O resultado — claro, considerando os limites da graduação e dos recursos empreendidos — era de boa qualidade: criativo, música e voz em combinações poéticas, tipicamente radiofônicas. Alunos e alunas produzindo atividades com auxílio (quando não a totalidade da tarefa) das IAs não chega a ser surpreendente. Contudo, o que motiva este texto é a tensão entre autoria, participação, criticidade e os processos educomunicativos que envolvem humanos e não humanos na produção sonora. O processo comunicacional, no exercício de *spot* de estudantes do Mackenzie, passou a ser dinamizado por formas não humanas que sistematizam informação e entregam criações tipicamente humanas. Historicamente, a linguagem radiofônica, em razão de características técnicas — escuta ativa e os fluxos colaborativos de produção — ofereceu

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação (ECA-USP) e professor do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). E-mail: douglas.calixto@mackenzie.br.

diversas possibilidades educativas. Testemunhamos, agora, hibridizações com conteúdo generativo, que exige uma compreensão do fenômeno para além do viés instrumental. Daí a relevância de analisar aspectos teórico-metodológicos que interpolam IAs com as mídias sonoras no contexto da educação. Em termos metodológicos, apresentamos um recorte do referencial teórico do projeto de pesquisa “Podcast e mídias sonoras nas mediações culturais e educacionais”, vinculado ao Centro de Comunicação e Letras (CCL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

O rádio foi responsável, em larga medida, pela ascensão dos primeiros projetos educacionais de grande escala no Brasil. No início do século 20, em um contexto de precariedade na educação formal, a linguagem radiofônica ofereceu um horizonte pedagógico: ouvir textos literários, aulas sobre variadas temáticas e mesmo produzir conteúdos pedagógicos por meio do som (Ferraretto, 2001). Diante da relevância do veículo na ativação de diálogos sociais mais abrangentes do que a educação formal (Peruzzo, 2006), a Educomunicação sempre encontrou no rádio a tecnologia apropriada para a transformação social (São Paulo, 2023).

As IAs colocam novos horizontes nessa relação. As tecnologias que processam informação em formatos similares aos sistemas neurais humanos são capazes de gerar vozes, sons e efeitos de áudio que, em diversos níveis, são verossímeis ao desenvolvimento humano. É improvável conhecer e estabelecer limites de humanos e não humanos nessa relação. Além disso, IAs generativas, como ChatGPT e DeepSeek, roteirizam e produzem mídias sonoras a partir de *prompts* (janela de contexto e *inputs* das plataformas). Por definição, IAs restritas (ou fraca)³, são mecanismos computacionais que trabalham com dados processados em redes neurais digitais, gerando *outputs* que reproduzem atividades tipicamente humanas (Coeckelbergh, 2023 ; Boden, 2020). Com efeito, emerge um novo contexto sonoro de interação entre humanos e não humanos, com linguagens verbais e não verbais, que tensiona o tecido comunicacional. Realidade, ficção e sistemas híbridos coexistem e, na esteira do processo, a dimensão simbólica e a ordem perceptiva dos sujeitos sociais passam a ser reguladas por uma dinâmica que ora é humana, ora não humana. Quais são as consequências e tendências para a interface Comunicação e Educação?

³ É pertinente considerar uma tipologia e os diferentes formatos que compõem essas tecnologias. IA restrita, também conhecida como "fraca", é capaz de realizar tarefas especializadas, sem a generalização teórica – ou a integração total de sistemas – da inteligência geral (ou forte).

O primeiro impulso é desenvolver competências e habilidades educativas para que a sociedade possa lidar com os sons produzidos por não humanos – assim como outros conteúdos gerados por IAs. Em outras palavras, promover alfabetização midiática, permitindo que estudantes e cidadãos em geral identifiquem, classifiquem e analisem criticamente a origem humana ou não humana desses conteúdos. Dessa forma, é possível estabelecer uma relação mais consciente com as novas tecnologias, reconhecendo tanto seus riscos quanto suas oportunidades educacionais, de modo que essa realidade – muitas vezes vista como inevitável – seja incorporada ao cotidiano de maneira reflexiva. Essa abordagem é amplamente respaldada pela Unesco (2024).

Tal perspectiva é essencial em razão da alta complexidade dos sistemas educacionais em lidar com as novas tecnologias. No entanto, a matriz epistemológica que sustenta a interface entre Comunicação e Educação – considerando as diversas abordagens nem sempre convergentes no plano intelectual (Citelli; Soares; Lopes, 2019) – pressupõe o reconhecimento das mediações culturais que permeiam as relações entre humanos e não humanos. Além disso, exige a superação de determinismos tecnológicos e de tendências que naturalizam o domínio das técnicas sem problematizá-las (Buckingham, 2019). Nesse sentido, a perspectiva educomunicativa, ao analisar as inter-relações entre IAs e mídias sonoras, busca promover uma compreensão mais ampla de como os códigos simbólicos de humanos e não humanos se hibridizam no ciberespaço. Isso implica uma abordagem interdisciplinar, ancorada na perspectiva comunicativo-cultural de Martín-Barbero, na dialogia de Freire e, sobretudo, nos trabalhos de autores que, nas últimas décadas, sistematizaram práticas educomunicativas – como Soares (2011), Citelli (2017) e outros que discutem a existência de um ecossistema comunicativo no contexto escolar (Buckingham, 2019; Consani, 2024).

Os sons que circulam no ambiente escolar não são fruto do acaso, mas resultam de operações econômicas mais amplas e da criação de novos mercados consumidores. Antes de avaliar os impactos dessas tecnologias, é preciso evidenciar as relações sociais que conferem significado aos sons produzidos – sejam por humanos ou não humanos. As IAs, mais do que simulacros ou "papagaios estocásticos", constituem agentes de socialização. No que diz respeito às mídias sonoras, essa abordagem pressupõe que as sonoridades não se limitam aos instrumentos de difusão – sejam vozes humanas ou dispositivos generativos. Trata-se de dinâmicas híbridas capazes de produzir sentido e intercâmbios simbólicos por meio do áudio. Em um cenário dominado pelas visualidades

e algoritmos, que nos impulsionam de clique em clique, de story a story, o som permite construir cenários imaginários e desenvolver uma escuta mais atenta ao desenrolar das narrativas (Kischinhevsky, 2024). As mídias sonoras afetam o tecido social por meio da afetividade e da reconstrução dos laços sociais necessários à prática da escuta.

Referências

BODEN, M. **Inteligência Artificial: uma brevíssima introdução**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

BUCKINGHAM, D. **The media education manifesto**. Cambridge, Londres: Polity Press: 2019.

CITELLI, A. O. ; SOARES, I. O. ; LOPES, M. I. V. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. **Comunicação & Educação**, v. 24, n. 2, p. 12-25, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v24i2p12-25>.

CITELLI, A. O. (org.). **Comunicação e Educação: os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017.

COECKELBERGH, M. **Ética na inteligência artificial**. São Paulo: Ubu, 2023.

CONSANI, M. **Educomunicação: o que é e como fazer**. São Paulo: Contexto, 2024.

FERRARETTO, L.A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

KISCHINHEVSKY, M. **Cultura do podcast: reconfigurações do rádio expandido**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024.

PERUZZO, C. Rádios comunitárias: entre controvérsias, legalidade e repressão. In: MARQUES DE MELO, J.; GOBBI, M. C. ; SATHLER, L (org). **Mídia Cidadã, utopia brasileira**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME). [Portal Institucional de Educomunicação]. **São Paulo**, [2023]. Disponível em: <http://bit.ly/4lo4SwM>. Acesso em: 5 abr. 2025.

SOARES, I. O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação. Contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

UNESCO. User empowerment through Media and Information Literacy responses to the evolution of Generative Artificial Intelligence (GAI). **Publicação online**: 14 de fevereiro de 2024. Disponível em: unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000388547/PDF/388547eng.pdf.multi>. Acesso em 3 de março de 2025.